

CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO: OS PROCESSOS PSICOLÓGICOS ENVOLVIDOS NO ANTES E DURANTE O ATO DE AVALIAR

Ibson Paulo Ramos Blogoslawski ¹
Sueli Teresinha de Oliveira ²

RESUMO

O ato de avaliar sempre esteve presente no contexto educacional. A avaliação deve ter clareza, ser objetiva e diversificada com o objetivo de prever e de promover a aprendizagem do aluno. Muitas vezes a avaliação é utilizada com o objetivo diferente e não por sua função mais relevante, ou seja, avaliar se o aluno aprendeu. É possível constatar que a avaliação está relacionada diretamente à nota obtida. A prática de avaliação como sinônimo de medir saberes específicos, ainda é utilizada em muitos âmbitos escolares. O Objetivo do estudo consistiu em identificar a concepção de avaliação para alunos que frequentam a quinta série do ensino fundamental. Na obtenção de dados foi realizado uma dinâmica de aplicação de desenho para que os alunos da quinta série representassem através desta técnica o que significava a avaliação. Os resultados obtidos permitiram verificar a ocorrência das seguintes categorias presentes no ato da avaliação para esses alunos: medo, ansiedade, preocupação com a nota, tranquilidade, tristeza, ódio e branco/esquecimento. Destas categorias o maior número de ocorrências foi a categoria “medo” citada por dez alunos representando 41% da turma. A avaliação ainda é vista, em muitos casos, como instrumento de poder, em que professores controlam seus alunos, a partir do medo, ansiedade, tristeza, dentre os outros aspectos psicológicos que ao invés de promoverem a avaliação enquanto uma prática cotidiana e natural do processo de aprendizagem se caracteriza como algo negativo e que repercute consequências negativas para muitos educandos.

Palavras-chaves: Avaliação. Processos psicológicos. Educação.

¹ Professor do Centro Universitário Para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí-UNIDAVI. Mestre em Educação/UFSC e Aluno especial do Programa de Pós-graduação do Doutorado em Educação/UFSC-2015.

² Aluna do Curso de Programa de Pós-graduação - Lato Sensu.

ABSTRACT

The act of assessing always been present in the educational context. The assessment should be clear, objective and be diversified in order to predict and to promote student learning. Often the assessment is used with different objective and not for its most important function, ie assess whether the student has learned. It can be seen that the assessment is directly related to the note obtained. The practice of evaluation as synonymous to measure specific knowledge, it is still used in many school areas. The study's goal was to identify the design assessment for students attending the fifth grade of elementary school. Data recording was carried out a drawing application dynamically so that the fifth graders represented by this technique which meant the evaluation. The results obtained showed the occurrence of the following categories present in the evaluation of the act for these students: fear, anxiety, worry to the note, tranquility, sadness, hatred and white / oblivion. These categories the largest number of occurrences was the category "fear" cited by ten students representing 41% of the class. The evaluation is still seen in many cases as an instrument of power, where teachers monitor their students, from fear, anxiety, sadness, among other psychological aspects that rather than promote evaluation as a daily practice and Natural learning process is characterized as negative and which affects negative consequences for many students.

Keywords: Assessment. Psychological processes. Education.

INTRODUÇÃO

Investigar cientificamente sobre a temática da avaliação representa um desafio na medida que que causa inquietação e questionamentos tendo em vista a constatação de que sua abordagem, na maioria das escolas, ainda não deixou de ter caráter ou função de medir saberes teóricos e/ou práticos dos educados. A avaliação quantitativa prevalece sobre a qualitativa ou construção de conhecimentos dos alunos e professores, portanto, não pode ser entendida como aplicação de testes ou atividades isoladas que pretendem medir os saberes selecionados pelos professores, num momento estanque e desvinculado da realidade.

Avaliar é parte importante de todo processo de Ensinar-Aprender-Viver-Conviver no decorrer da vida acadêmica de educação e inerente ao ser humano estar Ensinando-Aprendendo-Avaliando. Somos constantemente observados, medidos e avaliados, em diversas circunstâncias, como por exemplo, a existências das leis de trânsito. No contexto educacional o processo de avaliar é compreendido de forma ampla? No ato de avaliar é possível afirmar que somente o aluno é responsável pelo seu desempenho satisfatório segundo a visão do professor e da própria escola?

Para Hoffmann (1999, p. 19), a avaliação deve ser entendida como “uma ação inovadora, acolhedora, sendo para os olhos uma alavanca de projeção, levando-os a se prepararem para um futuro melhor”.

As práticas pedagógicas devem ser realizadas de acordo com o estágio de desenvolvimento dos alunos, considerado suas condições econômicas, culturais, sociais, dentro aspectos, pois, estes fatores influenciam o desenvolvimento global dos alunos. A escola muitas vezes não considera essas diferenças e aplica uma mesma metodológica para todos, não levando em consideração que cada aluno tem realidades e interesses diferenciados. Além dessas questões, é possível considerar essas diferenças e aplicar uma mesma metodologia para todos, não levando em consideração que cada aluno tem realidades e interesses diferenciados. Além dessas questões, é possível considerar outras, que também seriam relevantes, quando se trata de ensino e aprendizagem. Muitas vezes o professor julga ter ensinado algum conteúdo, mas a forma como esse conteúdo foi ministrado nem sempre garante o aprendizado por parte do aluno que por sua vez não obtém êxito em seu processo avaliativo.

É importante o estudo sobre os processos de avaliação nas escolas e principalmente conhecer quais as consequências desses processos para a vida escolar dos alunos, que ao longo de uma trajetória escolar apresentam muitas vezes concepções negativas referentes ao processo avaliativo, apresentando nos dias que antecedem os dias de avaliação, diferentes processos psicológicos, como medo, insegurança e sentimento de que não são inteligentes.

O ATO DE AVALIAR A PARTIR DE UMA *PERSPECTIVA HISTÓRICA*

É possível constatar, ao longo de uma perspectiva histórica, em diferentes práticas de avaliação. Anteriormente a educação se instalou enquanto prédio e com regras próprias, a educação institucionalizada, nos séculos I e II A.C., os chineses já realizavam concursos públicos para escolher os melhores mandarins (habilidades marciais.), contudo, foi a partir do século XVI pela “Ratio Studiorum” (consistia na realização de sabatinas e na correção diária dos exercícios em sala de aula, além dos espetaculares concursos, caracterizando-se em rituais públicos) que se definiram novos ditames e regras para a educação. Muitas dessas regras permanecem presentes na sociedade contemporânea, e nas escolas são mecanicamente reproduzidas através de notas, provas e testes. Os jesuítas através de um conjunto de 467 regras - Ratio Studiorum - pretendiam produzir alunos dóceis e católicos. A “ratio” determinava que as cinco séries não devessem se misturar por meio de função ou diversões e que a promoção de uma série para a outra deveriam ser realizadas anualmente nas classes de gramáticas somente quando o aluno demonstrasse o domínio do conhecimento estipulado. (DALLABRIDA, 2000, p. 4).

Muitas foram às reformas educativas desde a “Ratio Studiorum”, no entanto, foi nos Estados Unidos que começaram importantes políticas educativas/avaliativas, tidas como neoconservadoras e neoliberais que acabam gerando uma sucessão de mudanças na organização da educação e, a partir disso, houve a organização de todo um método avaliando influenciando por esses pensamentos da educação estrangeira.

No século XVIII, nas instituições escolares cristãs, as classes eram divididas em três ordens: principiantes, e avançados, nos quais os alunos eram qualificados pelo aproveitamento, diariamente controlado. Geralmente eram usados para a correção: castigos, chicotes, expulsão. Esses castigos eram principais causas das ausências e do abandono da escola. A vigorosa disciplina, meio militar, meio industrial, era analisada por um método de avaliação do rendimento, além da análise de comportamento. Nesse período, a avaliação era enfatizada pela contínua mudança de lugar dos educandos no banco de sua sala ou divisão, ou a passagem de uma divisão para outra.

No século XIX, os professores lançavam mão de recursos avaliativos como exames, provas e testes clássicos. As provas eram verdadeiros ensaios escritos sobre os temas escolhidos entre as disciplinas ensinadas pelo professor.

No século XX, os testes e provas objetivas eram utilizados para avaliar os alunos. Posteriormente, no século XXI é iniciado um sistema de avaliação que em muitos aspectos conserva muitos das suas origens. Quando se fala em avaliação é muito frequente tomar a avaliação e nota como se fossem sinônimos. A avaliação, assim como o ensino e a aprendizagem, é um processo abrangente que implica uma reflexão crítica e constante, não somente sobre o que seja avaliar, mas também sobre a prática pedagógica no sentido de que se compreenda que a avaliação não representa um momento estanque ou fragmento dos processos de ensino e de aprendizagem. Deve ser um instrumento que permite ao professor questionar constantemente sua proposta de ensino e que possibilite acompanhar o desenvolvimento dos seus alunos e de reorientá-los de forma que venham a vencer eventuais dificuldades.

O tema avaliação já há algum tempo vem sendo foco de pesquisas científicas (HOFFMANN, 1999; LUCKESI, 1999; BOTOMÉ, 2001). Ocorrem avanços que, de certo modo, modificaram a concepção de avaliação para alguns educadores, no entanto, não é raro encontrar nos espaços escolares práticas pedagógicas centradas em uma avaliação punitiva e castradora (como em algumas décadas atrás). Apesar da realização de pesquisa científica que visa contribuir para a reflexão rumo a uma avaliação transformadora, não é o que de fato é constatado plenamente na prática do contexto educacional.

De acordo com Foucault (1987), o espaço escolar seria uma máquina de ensinar de vigiar, de hierarquizar e também de recompensar. A distribuição dos alunos nas salas de aulas no século XVIII era feita da seguinte forma: de acordo com o avanço, do valor de cada um, segundo a maior ou menor aplicação do aluno, se era asseado ou não e também de acordo com a situação financeira dos pais. Formava-se assim, uma única sala de aula, sob a mira constante do professor classificador.

“Haverá em todas as de salas, lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos os da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixos. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede, em seguida, os outros conforme a ordem das lições avançando para o meio da sala. Cada um dos alunos terá seu lugar marcado e nenhum o deixara ou trocará sem a ordem e o consentimento das escolas (será preciso fazer com que) aqueles cujos pais são negligentes e têm piolhos fiquem separados dos que são limpos e não os têm; que um escolar leviano ou distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dos piedosos. (FOUCAULT, 1987, p. 135)”

Mesmo que os alunos não estejam distribuídos dessa maneira nas salas de aula, como descreveu o autor ainda é muito forte o olhar classificador do professor sob seus alunos, principalmente quando se trata de avaliá-los. A grande maioria das instituições de ensino traz

consigo resquícios das normas e regras que eram utilizadas nas escolas do século XVIII. Muitas vezes não de modo explícito, sendo um pouco mais sutis, porém não menos eficazes e dolorosas.

Analisando o quadro escolar sob esse ângulo, o professor seria o único detentor do saber, aquele que manda e detém o poder. A tarefa do aluno seria a ouvir, aceitar, reproduzir, ficar atento a tudo na maneira de falar e agir de seu “mestre”. A exemplo do método utilizado no início do século XVIII, onde se deveria compreender através de sinais o que o professor queria dizer: a reprodução do silêncio interrompido apenas por sinais feitos pelo professor, que deveriam ser reconhecidos pelos alunos. O primeiro e principal dos sinais e atrair de uma única vez todos os olhares dos escolares para o mestre e fazê-los ficar atentos ao que lhes que comunicar, baterá uma vez, um bom escolar toda vez que ouvir o ruído do sinal pensará ouvir a voz do mestre. (FOUCAULT, 1987)

É comprovada assim a manutenção do poder do professor sobre seus alunos. Poder esse que, além do espaço físico, permeia as práticas avaliativas através da chamada “cultura da prova.”

DEFININDO OS CONCEITOS DE ENSINAR, APRENDER E AVALIAR

O processo de avaliação no sistema escolar possui objetivos específicos. Professores estão preparados para utilizar a avaliação como forma de averiguar o real conhecimento que seus alunos possuem sobre o conteúdo ministrado? No espaço escolar é importante destacar que a avaliação não deve se caracterizar como instrumento de coesão e disciplina para o professor frente a seus alunos. Nesse sentido, Hoffmann (1999, p. 26), afirma que “[...] as notas das professoras funcionam como redes de segurança em termos de controle, exercidos pelos professores sobre seus alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas”. Assim, é possível notar que muitas vezes a avaliação é utilizada por diversos objetivos e não por sua função mais relevante, ou seja, avaliar se o aluno obteve aprendizagem. Portanto, a avaliação que constitui um importante instrumento no sistema educacional torna-se muitas vezes um instrumento utilizado pelos professores para obter outros fatores, como controle e obediência dos alunos.

Entende-se por avaliação de aprendizagem um amplo processo de construção e apropriação de conhecimentos para uma prática educativa de transformação encaminhando

decisões através de participação democrática dos alunos. Significando, pois, positivas dos professores, assim como, reação positivas dos alunos, ao longo do processo de ensinar e de aprender. A prática de avaliação como sinônimo de medir saberes específicos, ainda é utilizada em muitos âmbitos escolares. A avaliação não deve ser estática, “castradora” ou “mutiladora” de mentes sadias, provocando ansiosamente e angustias no aluno e na família. É fundamental superar os reducionismos a partir de um processo de ensinar-avaliar que torne o aprendiz independente e livre para participar ativamente do seu processo de aprendizagem. Desse modo, consistente em levar o aprendiz a desenvolver uma forma de pensar e viver, para representar e conviver de forma satisfatória a sua vida, tanto no âmbito escolar como social.

O cotidiano escolar perpassa por dois processos constantes: ensinar/aprender e avaliar. As escolas deveriam estar preparadas para avaliar seus alunos de maneira significativa. São encontrados muitos tipos de definição para o processo de ensinar. Kubo e Botomé (2001) apontam que as definições encontradas nos dicionários sobre ensinar, tais como “dar instruções”, “doutrinar” se referem a expressões que não permitem o desenvolvimento de uma efetiva prática educacional. Qual o melhor termo a ser usado? Ensinar assim como aprender se refere a um processo, sendo “[...] dois verbos que se referem, respectivamente, ao que faz um professor e ao que acontece com o aluno como decorrência desses fazer do professor.” (KUBO; BOTOMÉ, 2001, p. 142)

O processo de avaliar repercute diretamente na aprendizagem de alunos. A escola deve rever sua postura diante do importante processo, que deve estar presente no cotidiano escolar, no enquanto, deve ser utilizado com uma visão mais crítica e não pela constatação de que “[...] a avaliação escolar continua sendo tratada pela maioria dos professores como punitiva, classificatória, instrumento de controle e de imposição do medo aos alunos”. (OLIVERIA, 2003, p. 24).

O ato de avaliar isoladamente define atitudes básicas comuns entre o corpo docente. A primeira atitude é a sobrevalorização da nota ao longo de processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido é concebida como mecanismo de controle, sobretudo, aquilo que o aluno realiza. Isto é, tudo resulta em nota como, por exemplo, o mecanismo de controle do aluno pela frequência das tarefas realizadas em sala de aula e fora dela. Desse modo, a avaliação transforma-se numa grande problemática do processo de ensinar e aprender reduz-se a avaliação a um ato de aumentar e diminuir a nota mediante a execução mecânica de tarefas exigidas pelo quadro docente.

A segunda atitude comum entre os docentes e a sobrevalorização prêmio e da avaliação castigo. A avaliação prêmio abrange apenas a execução das tarefas feitas em classe ou extraclasse. A avaliação castigo é a forma mais comum de penalizar individualmente e, por vezes, coletivamente os alunos que descumprem as regras de comportamento disciplinar e a não execução das tarefas escolares. Por fim, a avaliação é um ato autoritário do professor para formalizar para formalizar e legalizar sua ação docente sem exigir do aluno uma reação vivencial do conteúdo por ele abordado, não reconhecendo o poder criador e recriador do aluno. Finalmente a avaliação com esse perfil, produz a síndrome do medo porque o aluno teme o “branco” quando é obrigado pelo professor a usar apenas a memória para reproduzir o conhecimento que está no livro didático. (LUCKESI, 1999)

Hoffmann (1999) defende que a avaliação deve ser mediadora. A autora afirma que quando se fala em avaliação mediadora e possível concluir que se fala em uma avaliação renovada, visto que existem muitas crianças vivendo no meio escolar cujas avaliações são feitas apenas em forma de provas, sendo estas notas o parâmetro para mostrar se o aluno aprendeu ou não o conteúdo ministrado pelo o professor sem considerar outras formas de avaliar.

Uma avaliação feita somente com a base em provas não revela realmente que o aluno aprendeu como se mede o que o aluno aprendeu pelo ensinar competente e comprometido do professor? A escola deve caminhar para uma ação inovadora, acolhedora, sendo para os alunos uma alavanca de projeção, levando-os a se prepararem para um futuro melhor. “Os educadores em geral discutem muito em como fazer avaliações, e sugerem metodologias diversas, antes, entretendo, de compreender verdadeiramente o sentido da avaliação nas escolas” (HOFFMANN, 1999, p. 19).

Ensinar se refere a uma atividade humana em que há uma categoria de comportamentos que caracterizam o que um professor faz, portanto, e o efeito do que este professor realiza, sendo que o mais importante é a aprendizagem do aluno. Neste sentido “[...]ensinar define-se por obter aprendizagem do aluno e não pela intenção (ou objetivo) do professor ou por cima descrição do que ele faz em sala de aula”. (KUBO; BOTOMÉ, 2001, p. 143). O núcleo que define ensinar se refere primordialmente à ocorrência efetiva de aprendizagem, que constitui o resultado das ações do professor, o aprender, sendo que o foco interessante é o comportamento do aluno.

As aprendizagens devem ser relevantes para a vida dos educandos em sua inserção na sociedade, ou seja, o ensino deve ser planejado considerando “[...]os aspectos concretos da realidade, (situações) com os quais a pessoa defrontar-se a ou com quem precisara lidar.”

(KUBO; BOTOMÉ, 2001, p. 161) Conforme Botomé (2001) esta é uma questão importante sobre o papel da educação, ou seja, identificar como é possível transformar o conhecimento disponível em conduta ou comportamentos efetivos das pessoas em situações que se defrontam em sua realidade social. Vale salientar que ao se referir ao conhecimento disponível não se faz referência apenas ao conhecimento advindo do livro didático, mas sim, instrumentalizar esse aluno a busca a o conhecimento através de diversas fontes, que o mundo globalizado oferece de forma cada vez mais acessível.

Neste sentido, será que nas escolas os professores estão considerando estes aspectos nos processos de ensinar e avaliar? Kubo e Botomé (2001) denunciam que não há conhecimento suficiente e acessível sobre o que o docente faz e o que deveria fazer, constituindo ainda um desafio mudanças referentes ao que é feito no cotidiano da escola, principalmente no que diz respeito às possibilidades de agir do professor, que se referem a vários tipos de ações. É importante e urgente o estudo de novas possibilidades de atuação visando romper com práticas que se caracterizam como “[...] o que se ensina e a forma como se ensina torna a tarefa de ensinar e de aprender uma sucessão de atividades sem sentido que todos, professor e alunos, executam visivelmente contrafeitos e desinteressados.” (PATTO, 1996, p. 233)

Hoffmann (1999) sustenta que a sociedade está muito centrada no processo de avaliação tradicional, utilizando provas e notas para classificar se o aluno é “bom” ou não. Os educadores percebem o processo de avaliar os alunos através das notas e provas, como uma obrigação que precisa ser cumprida, para que, ao final do processo aprovem ou reprovem o aluno, discriminando e selecionando, sem saber realmente quais as dificuldades tanto dos educandos como deles próprios.

O saber historicamente acumulado é ignorado e que conta e tornar os indivíduos “dóceis” e “mansos” após correções disciplinares. Não apenas os professores ou os profissionais envolvidos diretamente no espaço escolar acreditam que é possível avaliar somente através de notas, provas e outros mecanismos punitivos, no entanto, a própria sociedade de um modo geral acredita nesta posição, como é possível constatar nos concursos públicos de seleção de pessoas ou mesmo nos exames de vestibular, que nem sempre aprovam os candidatos mais aptos.

É importante a análise e reflexão por parte dos educadores sobre sua própria prática pedagógica, que envolve o ato de ensinar e avaliar e da concepção de avaliação que possuem e utilizam. O ensino muitas vezes está voltando a um programa previamente estabelecido, com uma ordem para que o aprendizado aconteça e também uma expectativa em relação a esse. A

mensagem passada ao aluno é que se houver “conformidade” com o programa de ensino terá um bom desempenho e sucesso. No entanto nem sempre é possível afirmar que o sucesso na escola repercute no sucesso na vida. A instituição escola nem sempre percebe as diferenças entre seus alunos como algo a ser estimulado no ambiente educativo.

O contexto educacional muitas vezes considera todos os indivíduos sob a mesma ótica, não considerando sua história de vida e suas reais necessidades. A maioria dos alunos se insere na escola sem inibições, fazem seus trabalhos, mostram ao professor, mas a partir do momento que classifica como “certo/errado”, “bonito/feio”, a criança se inibe mostrando ao professor somente quando tiver certeza que o trabalho está “certo” e “bonito” do ponto de vista do professor. Isso ocorre porque muitos professores ainda não compreenderam que a aprendizagem é um processo e que o resultado insuficiente que muitas vezes o aluno apresenta, revela o que este precisa para progredir não sendo uma condição estática. O que acontece é que os professores muitas vezes não estão atentos e sensíveis a este aspecto sendo que apenas classificam seus alunos como “bons” ou “ruins”, “certos” ou “errados” ao invés de auxiliá-los a progredirem em suas aprendizagens.

As avaliações devem ser claras, objetivas e diversificadas em busca da aprendizagem recíproca. Segundo Luckesi (1999), pais professores e alunos demonstram uma atenção centrada na produção ou não do estudante de uma série para outra. Os pais e alunos estão preocupados em “passar de ano”, os professores utilizam-se dos procedimentos de avaliação como motivação do estudante, usando ameaças, tais como: “estudem, pois se não estudarem ganharão nota zero na prova” ou fiquem quietos ou perderão pontos na média”.

ASPECTOS PSICOLÓGICOS PRESENTES NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS DE QUINTA SÉRIE

É perceptível que o processo de avaliar pode acarretar nos alunos diferentes processos psicológicos como medo e esquecimento. Oliveira (2003) em seu estudo sobre “a avaliação a serviço da aprendizagem” constatou entre os alunos pertencentes à quinta série do ensino fundamental processos psicológicos diversos tais como: pesadelos, insônias, sentimentos de tragédias como morte, perda, violência, dentre outros importantes elementos que de alguma forma interferem negativamente na visão que o aluno possui sobre o processo de avaliação.

Segundo Oliveira (2003) constatou em seu estudo as seguintes categorias presentes no momento de um processo de avaliação com alunos pertencentes às quintas séries que foram: classificação (definição da professora sobre quem são os alunos “bons” ou “ruins”), punição (a nota repercute diretamente sobre o comportamento que o aluno apresenta na sala de aula), controle (a avaliação é usada como mecanismo de controle sobre o comportamento dos alunos, como por exemplo, permanecer quieto durante a avaliação), medo (processo psicológico presente durante o processo que acarreta em medo de esquecer o conteúdo estudado ou “decorado”), correspondência do modelo vigente (utilização de questionário e atividades padronizadas com data e hora marcada sem considerar a criatividade dos alunos) e por último a categoria tranquilidade (alunos que aceitam passivamente o que o professor estabelece como critério de avaliação).

O que outrora era constatado em práticas remotas da educação, com a ocorrência de atos de violência física como a palmatória ou outros castigos, corporais, se qualifica em práticas mais recentes pela violência psicológica, como o medo da nota, medo do dito “branco”, da cobrança dos pais e da sociedade de um modo geral, a classificação do “bom aluno” pela boa nota e daquele que recebe o estigma de “burro”, pelo baixo rendimento pela avaliação quantitativa. (LUCKESI, 1999)

As crianças, segundo Silva (1997), desenvolvem crenças sobre si próprias na condição de alunos e sobre suas capacidades cognitivas, ou seja, concepções sobre se são bons ou maus estudantes na diferentes disciplinas. Essas crenças incidem sobre as percepções de competência pessoal e a autoestima. Assim, para que o aluno considere a escola como algo importante para sua vida é fundamental que acredite em suas próprias competências para ser bem sucedido e atribua um significado pessoal e positivo a sua própria aprendizagem.

Muitas vezes, o baixo rendimento provém da sua história escolar, povoada de repetidos insucessos que podem ter ocorrido desde o início da sua escolaridade. O insucesso continuado pode fazer com que o aluno passe a questionar sua capacidade intelectual, acreditando que não pode fazer nada para vencer essas dificuldades para alterar seu destino na escola. Silva (1997) complementa ainda que o aluno pode apresenta comportamento extremamente passivo, evitando, situações de aprendizagem e avaliação.

Hoffmann (1999) diz que, durante a nossa vida, quando as pessoas erram tem a chance de corrigir, tentar fazer melhor, até mesmo pelo incentivo de outras pessoas. Porque na escola não é possível ter a oportunidades de corrigir os erros? A escola é lugar por excelência de educar e ensinar os alunos a aprenderem e de forma progressiva a ultrapassar este

conhecimento, que deve ser feito no cotidiano sob diversas formas verificando se o aluno realmente aprendeu e que este não se perceba em constante avaliação a partir dos conceitos “bons” ou “ruins”.

Pode-se perceber que, mesmo sendo uma visão equivocada, muita das avaliações que ocorrem nas escolas ainda levam em consideração alguns fatores citados pelo autor, como: asseio, situação financeira, comportamento, entre outros, que favorecem alguns e discriminam outros, estando esse favorecimento ou discriminação relacionado diretamente com a nota dos alunos, desse modo, deixam o aluno alienado, amedrontado, inseguro. Desse modo, faz com que esqueça o verdadeiro motivo que o faz frequentar as aulas, ou seja: o de aprender e de se desenvolver em seus conhecimentos. O comportamento classificador e arbitrário de alguns professores faz com o que o aluno se preocupe mais em “agradá-lo”, através dos quesitos citados acima, do que com a própria apropriação do saber.

Dentre os aspectos psicológicos presentes na avaliação podem ser citados: medo, ansiedade, preocupação com a nota, tranquilidade, tristeza, ódio, branco/esquecimento.

O medo pode ser definido como estado emocional de agitação inspirado pela presença real ou pressentida de um perigo concreto. Caracteriza-se por várias alterações no comportamento, desde a fuga ao escondo mento. O efeito emocional do medo sobre outras relações já corroborado a muito e uma reação emocional aprendida a estímulos que denotam o advento de dor ou estímulos nocivos. (CABRAL, 2001)

A definição de ansiedade se refere ao estado emocional desagradável e apreensivo, suscitado pela suspeita ou previsão de um perigo para a integridade da pessoa. No caso de perigos reais, dá-se a ansiedade o nome de ansiedade realista. Quando os perigos são desconhecidos, estamos diante da ansiedade neurótica. As manifestações de ansiedade podem ser ordem física (descargas automáticas: suores, taquicardia), ou ordem subjetiva (sentimentos de apreensão nem sempre suscetíveis de descrição cabal). (CABRAL, 2001)

Em relação ao termo tranquilidade pode ser definido como em que reina a calma, o equilíbrio se efetua ou decorre do modo regular, de natureza calma, estável, certo, seguro, manso, quieto, sossegado. Que não tem a inquietação. (NICK, 2001)

A tristeza pode ser definida como aflição, estado afetivo durável, em que a consciência é invadida por um sentimento penoso de insatisfação, acompanhado por uma ideia de desvalorização de existência e do real. (FERREIRA, 2004)

A definição de ódio se refere à paixão que impele a causar ou desejar mal a alguém, rancor, raiva, ira, aversão à pessoa, atitude, repugnância antipatia, desprezo, repulsão. (FERREIRA, 2004)

O esquecimento pode ser definido como o fato de esquecer, tirar da memória, de perder a lembrança de alguém ou de algo. Falta de atenção ou interesse. Sair completamente da memória, desaparecer da lembrança. (FERREIRA, 2004.)

A definição de “branco” se refere à incapacidade de raciocinar ou de recordar-se de algo, claro, vazio. (FERREIRA, 2004)

Em relação ao termo preocupação, pode ser definido como uma ideia fixa desagradável que perturba a mente, inquietude resultante dela, objeto exclusivo da atenção. (XIMENES, 2000)

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA E DE SEUS ALUNOS

A Escola Paulo Zimmermann onde foi constituída e realizada a análise é a mais antiga escola pública do Alto Vale do Itajaí, teve seu início em 1915, quando o distrito de Bella Alliança (hoje Rio do Sul) pertencia ao município de Blumenau, e Senhor Paulo Zimmermann, era o superintendente. Foi a primeira Escola pública de Rio do Sul, era pequena e situada nas imediações da antiga Metalúrgica Riosulense, sendo o senhor Conrad Stoll, o seu primeiro professor. Entrou em funcionamento no ano de 1915 como instituição privada de ensino, tornando-se pública dois anos após. Na sua constituição histórica, esta escola pública mais tarde se instalou nos fundos da oficina Ristow, tendo como professor o Senhor Germano Ernest. Em 1925 passou a funcionar na avenida Rio Branco, sendo o professor Jorge Schutz. Em 1927 sob decreto n. 2027, foi criado o Grupo Escolar Paulo Zimmermann, em um prédio estilo arquitetônico enxaimel com diversas salas, na Rua Ruy Barbosa, onde se encontra o Colégio Evangélico Ruy Barbosa. Em 1935, foi transferido para a Rua São João, onde permanece até hoje. Em 1975 o Grupo Escolar passou a ser denominada Escola Básica, com aprovação para funcionamento para 5ª à 8ª série do ensino fundamental.

Atualmente atende a uma clientela de 1ª série do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio e Educação Especial (D. A. – deficientes auditivos e D. V. deficientes visuais). A Escola situa-se numa área central da cidade e atende cerca de 955 alunos de toda a região próxima ao município de Rio do Sul.

No dia 03 de agosto de 2015, no período vespertino, a pesquisadora foi à escola com o objetivo de realizar uma observação, no momento do recreio da turma da quinta série. As crianças se encontravam no horário de intervalo das aulas e a pesquisadora ficou observando a alegria das crianças no pátio, a espontaneidade com que elas se relacionavam umas com as outras. Quando terminou o intervalo, as crianças retornaram para a sala. Como a pesquisadora não conhecia os alunos, foi perguntado a seus professores sobre a mudança ou não dos comportamentos destes.

Durante o segundo semestre do ano letivo de 2015, a pesquisadora compareceu à escola para realizar a coleta de dados referentes à o objeto de pesquisa. A instituição escolar é constituída de duas turmas de quinta série, uma no período matutino e outra no período vespertino. A escolha pela quinta série do período vespertino.

Foi agendado com a direção da escola um dia para realizar a pesquisa com os alunos, em que foi conversado com o professor da disciplina se sua aula poderia ser utilizada.

CONHECENDO AS INDICAÇÕES DOS ALUNOS COMO SUJEITOS DO ATO DE AVALIAÇÃO

Nas tabelas abaixo estão contidas as frases obtidas com 24 alunos que estudam na quinta série do ensino fundamental sobre “A Concepção de Avaliação a Partir da Perspectiva de Alunos que Frequentam a Quinta Série: Os Processos Psicológicos Envolvidos no Antes e Durante o Ato de Avaliar”. Nas Tabelas, também constam os respectivos relatos que os alunos fizeram à pesquisadora na hora da entrega dos desenhos.

Segundo Buck (2003, p. 24) ao referir-se sobre técnicas e análises Projetivas de Desenhos afirma que: [...] o uso projetivo dos desenhos tem lugar em diversas áreas de pesquisa. A utilização do desenho pode ser vista ainda como uma amostra inicial de comportamento, que possibilita ao pesquisador o acesso às reações dos indivíduos, a uma situação consideravelmente não estrutural.

Foram encontradas sete categorias nos desenhos de vinte e quatro alunos. Dez alunos (41%) indicaram sentir medo na hora de realizar uma avaliação. Quatro alunos (17%) apontaram ansiedade, angustia ou algum tipo de alteração fisiológica. Quatro alunos (17%) demonstraram preocupação com a nota. Três alunos (13%) indicaram sentir tranquilidade ao

realizarem uma avaliação. Um aluno (4%) indicou a categoria de tristeza. Igualmente um aluno (4%), indicou a categoria branco/esquecimento.

As categorias presentes no processo avaliativo de alunos da quinta série estão representadas na tabela abaixo:

Quadro 1 – Categoria: Medo

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
A	“Medo da Prova.”	No dia da prova tenho medo de sair de casa.
B	“Não sei se tenho mais medo de cobra ou da prova.”	A cobra é feia, igual à prova.
C	“Tenho medo de cobra e da prova.”	A cobra é o bicho que mais tenho medo, só tenho mais medo da prova. Se eu tirar zero, como vou contar para minha mãe?
D	“O monstro zumbi da prova.”	A prova é um monstro assustador.
E	“Coração batendo de medo da prova.”	No dia da prova meu coração bate tão forte, que parece que vai sair pela boca.
F	“Roendo unha com medo da prova.”	Quando fico nervoso, fico roendo a unha . Quando tem prova fico nervoso.
G	“Estou com medo.”	É como se eu estivesse levando flechada, dói muito.
H	“Nervoso, medo da prova.”	Eu fico muito nervoso quando olho para a prova, chego a suar frio, é horrível, me dá muito medo.
I	“Eu tenho mais medo de prova do que de aranha.”	A aranha representa a prova e o pânico que sinto dela.
J	“Estou com um baita frio na barriga.”	Uma determinada professora usa a prova para castigar quando fizemos bagunça, daí ela nos dá nota baixa.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 10

Quadro 2 – Categoria: Ansiedade/Angustia/Alteração Fisiológica

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
L	“Estou me jogando de um penhasco por causa da prova. Até o Sol nasce quadrado.”	No dia em que tenho prova, tenho vontade de me jogar de um penhasco, ficar escondida e não precisar passar por esse momento, que me deixa muito assustada e ansiosa.
M	“Eu me sinto pegando fogo e levando uma flechada.”	No dia da prova, é como alguém tivesse me dado uma flechada. É muito ruim.
N	“Suando de medo da prova, meu coração está batendo.”	Suo e meu coração bate forte o dia da prova, de tanto nervoso.
O	“Esta é a professora X, tenho medo dela porque ela gosta de dar zero para todo mundo.”	Ela utiliza aprova para nós ficarmos quietos, se não ela nos dá zero.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 04

Quadro 3 – Categoria: Preocupação com a nota

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
P	“Eu estou rezando para tirar dez.”	Um dia antes da prova rezo e acendo uma vela para lembrar o que estudei, para não tirar zero.
Q	“Eu me esforço ao máximo e por malvadeza a professora de ciências me dá um zero.”	Eu me esforço tanto e a professora sempre me dá nota baixa.
R	“Medo de tirar zero na prova.”	Se eu tirar zero na prova, a professora briga comigo.
S	“Acho que vou tirar um dez, tomara que sim querida.”	Sempre que faço prova, quero tirar um dez, só para mostrar para minha mãe. Se eu não tiro dez, ela fica triste e eu também.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 04

Quadro 4 – Categoria: Tranquilidade

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
T	“Gosto de fazer a prova.”	Eu gosto de bolo e de prova.
U	“Não sinto nada, eu sempre tiro dez.”	Não tenho medo da prova sou bom em decorar.
V	“Sou eu e o professor.”	Quem é amigo do professor ganha nota boa. Eu sou amigo dele, por isso desenhei nós dois.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 03

Quadro 5 – Categoria: Tristeza

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
X	“Meu coração esta partido por causa da prova...”	Não deveria existir prova. Sempre fico triste quando a professora diz que vai ter prova, meu coração fica partido.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 01

Quadro 6 – Categoria: Ódio

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
Z	“Estou chorando de ódio”.	Chego a chorar de ódio da prova, odeio esse dia.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 01.

Quadro 7 – Categoria: Branco/Esquecimento

Aluno	Relato do aluno no desenho	Relato do que o aluno disse à pesquisadora na entrega do desenho
XZ	“Socorro, estou presa numa jaula com a Sabrina! Ela quer me comer. Isso é igual a uma prova.”	No dia em que tem prova, parece que estou presa em uma jaula e não consigo sair e nem lembrar de nada que estudei.

Fonte: Dados organizados pelo autor. Total de alunos: 01

De acordo com as categorias analisadas nos desenhos, representados nas tabelas de 1 a 7, foi possível perceber um sentimento maior por parte dos alunos com relação aos sentimentos de medo, ansiedade e preocupação com a nota. De acordo com o aluno “L” (quadro 2) esse sentimento (que no caso dele ansiedade) acaba prejudicando-o na hora da avaliação. Esse fato pode ser constatado através de seu relato: “no dia em que tem prova, tenho vontade de me jogar de um penhasco, ficar escondido e não precisar passar por esse momento que me deixa muito assustado e ansioso.”

Mesmo os poucos casos (13%) que representam o sentimento de tranquilidade, não revelam a avaliação dentro desta perspectiva, isso porque tais comportamentos dizem respeito ao módulo de avaliação, entendido como classificatório. Através das frases escritas pelos alunos pode se dizer ainda que o ato de avaliar serve como instrumento para amedrontar, controlar e punir os alunos.

Os que aparentaram e revelaram tranquilidade são os alunos que estão bem adaptados ao módulo de avaliação praticada por seus professores. A categoria medo é acrescida de outros elementos como: pesadelos, insônia e sentimento de tragédias como morte, perda, violência, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores que priorizam por uma prática pedagógica e avaliativa voltada para a transformação não podem agir irresponsavelmente, devem, portanto, ser claros nos seus objetivos. A avaliação não deve ser uma ação mecânica, mas definida dentro de um encaminhamento político e decisivo a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

A avaliação nas escolas muitas vezes enfatiza os erros e os relaciona ao insucesso, acrescentando nos alunos culpa e castigo. Não que isso tenha que ser uma trilha necessária para nossas vidas. O insucesso e o erro em si são necessários para o crescimento, porém, uma vez que ocorrem, não se deve fazer deles fonte de culpa e castigos, mas alavanca para uma vida saudável e feliz.

A verdadeira avaliação deve promover a formação da pessoa humana para o bem da sociedade da qual o avaliando é membro. A função do professor/avaliador é orientar,

combinar esforços, exercer seu papel como detector de conhecimentos, convicções científicas e humanas, valorizarem diferentes situações posições as mais acertadas possíveis, tendo presente a necessidade de dignidade social.

A avaliação ainda e vista, em muitos casos, como instrumento de poder, do qual os professores e, até mesmo, os pais se valem para controlar os alunos e filhos, respectivamente, impondo medo, punindo e controlando as crianças. É possível perceber que uma das preocupações primordiais das escolas está centrada nas notas. Muitas vezes é utilizada como a finalidade de fornecer informações a determinados grupos ou indivíduos (pais, administradores escolares, sociedade e até mesmo para outras escolas) de como está sendo o desempenho do aluno. Como se a nota caracterizasse a apropriação ou não dos conteúdos e dos conhecimentos ministrados pelo professor.

Infelizmente, o que é constatado na maioria das instituições de ensino, inclusive em nível de graduação, e a ocorrência de uma avaliação de maneira pontual, acontecendo e sendo valorizada como o produto final de um trabalho, na forma de prova ou testes. Ou ainda, de maneira normativa, como sendo normais da instituição, visando o comparativo do rendimento dos alunos entre si, do modo e subjugar alguns e enaltecer outros.

A avaliação desse modo pode rotular, classificar e diminuir a autoestima de muitos daqueles que buscam na escola um espaço de crescimento e superação da sua condição humana e social. O processo avaliativo vem sendo utilizado, na sua grande maioria, como forma de punir, castigar, amedrontar, classificar e disciplinar o aluno que não atinge as expectativas esperadas pelo professor. Expectativas que seria de um comportamento dócil por parte do aluno. Um indivíduo disciplinado, fácil de domesticar. Além de que fossem iguais a todos e não dessem “trabalho” à sociedade.

Pode parecer cruel referenciar as instituições escolares desse modo. Mas é assim que comumente os alunos saem das escolas: sem aprender a questionar, a expor suas ideias. Limita-se a ouvir e a comportar-se de acordo com o que lhe foi transmitido nos espaços escolares. No espaço escolar, o professor exerce sobre os alunos uma pressão constante para que os mesmo se submetam ao modelo que lhes é imposto. Para que sejam obrigados a subordinarem-se docilmente as normas e regras ditadas pela escola.

Acreditando-se que uma das funções das instituições escolares seja e de preparar o aluno para ser inserido na sociedade, seria necessário rever alguns elementos e conceitos que permeiam os espaços escolares, principalmente ao que se refere à avaliação. Que o professor no momento de avaliar não espere respostas decoradas de seus alunos, mas que permita que os

mesmos exponham suas ideias, que possam se expressar sem medo de serem rechaçados ou punidos.

É importante uma reflexão de todo o sistema educacional sobre a forma como as avaliações ocorrem no cotidiano da escola. Identificar o que os professores pretendem com suas avaliações e de que forma avaliam seus alunos. Ter o entendimento mais amplo de que a avaliação tem como objetivo verificar se o aluno obteve aprendizagem e em caso negativo rever o processo de ensinar do professor. O contexto educacional, diante de uma sociedade em transformação, precisa rever suas posturas visando sempre sua função primordial: educar.

REFERÊNCIAS

- BOTOMÉ, Silvio Paulo. **Educação, conhecimento, comportamento humano e necessidades sociais. Interação.** Curitiba, v.5, jan./dez., 2001.
- BUCK, John N. **casa-arvore-pessoa-técnica projetiva de desenho:** manual e guia de interpretação. 1. ed. São Paulo: vetor, 2003.
- CABRAL, Álvaro e Eva Nick: **dicionário técnico de psicologia:** São Paulo: Cultrix, 2001.
- DALLABRIDA, Norberto. **Moldar a alma plástica da juventude:** a “Ratio Studiorum” e a manufatura de sujeitos letrados e católicos. Florianópolis, 1999. Mimeografado.
- Dicionário Barça da língua portuguesa:** Barça planeta internacional Ltda. 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: novo dicionário da língua portuguesa, 3. ed. Editora positivo, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOFFAMANN, Jussara Marli Lerch. **Avaliação mediadora:** um pratica em construção da pré-escola a universidade. Porto alegre: educação e realidade, 1999.
- KUBO, Olga Mitsue, BOTOMÉ, Silvio P. **ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais.** Interação. Curitiba, v. 5, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** Estudos e proposições. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- OLIVEIRA, Sueli Terezinha. **Implementação de uma proposta de avaliação e aprendizagem nas quartas quintas series do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica Paulo Zimmermann.** Rio do Sul. 2003. Trabalho de Conclusão de Cursos. Curso de pedagogia. Universidade para o Desenvolvendo do Alto Vale do Itajaí (Unidavi).
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar:** histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A Queiroz, 1996.
- SILVA, Adelina L; SÁ Isabel de. **Saber estudar para saber.** 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1997.